

Histórias de vida de professoras: memória, sexualidade e docência³⁵⁴

*Constantina Xavier Filha*³⁵⁵

O presente texto visa a apresentar algumas considerações preliminares do estudo que investiga, mediante histórias de vida de professoras que atuam nas primeiras séries do Ensino Fundamental no Brasil (nos estados de Mato Grosso do Sul e São Paulo) e no Primeiro Ciclo em Portugal (particularmente Lisboa), representações e saberes de sexualidade construídos no processo de formação pessoal e profissional.

As abordagens biográficas e autobiográficas vêm sendo utilizadas em Ciências Sociais, em especial em Educação, como processo de formação, investigação e/ou investigação-formação. Neste texto, apresento algumas reflexões sobre a utilização dessa perspectiva como investigação, especialmente, utilizando as histórias de vida como uma das importantes possibilidades para entender o processo de construção/reconstrução de representações de sexualidade e entender as relações entre os processos pessoais com os de natureza sócio-históricos de uma dada realidade.

Motivações para o estudo: minha trajetória profissional

As reflexões sobre as inúmeras inquietações e indagações a respeito da sexualidade na escola vêm sendo, nos últimos anos, uma constante em minha trajetória profissional. A participação em um projeto de capacitação em Orientação Sexual, realizado pelo Grupo de Trabalho de Orientação Sexual, marcou o início de um estudo mais sistematizado sobre o tema. O projeto teve como objetivo capacitar profissionais da saúde e da educação para um trabalho sistematizado de orientação sexual com adolescentes em escolas públicas e centros de saúde. Através das atividades de estudo e reflexão sobre a sexualidade humana, no referido projeto, foi possível estudar e desconstruir antigas representações, idéias e conceitos e sobre eles refletir. As experiências com grupos de adolescentes impulsionaram-me a estudar e pesquisar a temática da sexualidade na escola, buscando entender, no “currículo em ação” de duas escolas públicas, como se desenvolvia a educação sexual. Desse trabalho resultou a pesquisa de mestrado intitulada: “Educação sexual na escola: o dito e o não-dito na relação cotidiana”.

As ações e discussões sobre a sexualidade e as relações de gênero no ambiente escolar tiveram continuidade e se fortaleceram no trabalho como docente junto a graduandos nos cursos de formação do magistério. Nessa oca-

³⁵⁴ Esta pesquisa conta com o apoio Capes/MEC/Brasil.

Pesquisa vinculada ao projeto “Estudos Comparados sobre a Escola: Brasil & Portugal (séculos XIX-XX)”, Programa de Cooperação Internacional Capes/ICCTI coordenado pelos professores António Nóvoa (Universidade de Lisboa) e Denice Catani (Universidade de São Paulo).

³⁵⁵ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul UFMS/Brasil; Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

sião, percebi que o processo de educação sexual na escola refletia, em certos sentidos, a educação sexual do meio em que educadoras e educadores haviam estado inseridos; portanto, cabia indagar quais os elementos desse processo de construção de identidade pessoal e profissional de educadores/as estavam influenciando sobre seu trabalho com as crianças. Para isso, entender o processo de construção de saberes e representações de sexualidade, partindo de pistas indicadas pelos relatos que as educadoras fazem de suas histórias de vida, constitui o objeto de estudo de doutorado que ora apresento.

O projecto em construção

A pesquisa tem como temática a sexualidade humana, tal como as educadoras a representam, lhe dão sentido, interagem e interagem com as mais diversas formas de educar e aprender ao longo de sua trajetória de vida pessoal e profissional. O trabalho consiste em buscar o entendimento dos saberes e representações de sexualidade construídos no decorrer das histórias de vida de nove professoras (brasileiras e portuguesas) que atuam com crianças, buscando reflexões sobre:

reconstrução dos percursos pelos quais as educadoras construíram suas identidades de gênero e sexual;

influências dos meios de educação formal e informal repassados tanto pela família quanto pela escola (durante a vida escolar e durante a profissionalização) no percurso de formação das educadoras;

em que medida elementos relativos aos fatos e saberes sócio-histórico-culturais acontecidos entre as décadas de 1950 a 2000, relacionados, especialmente, às questões que envolvem a sexualidade e as relações de gênero, interferiram na educação sexual das educadoras ou foram a ela incorporada;

imagens que as professoras têm de si mesmas em situações de manifestação de sexualidade infantil de seus alunos e alunas;

elementos da vida pessoal relacionados com os da vida profissional sob o ponto de vista das entrevistadas.

A partir destas questões norteadoras do estudo, foram identificados eixos de investigação que poderão ser utilizados como roteiro para as entrevistas e como possível guia analítico. São eles:

espaços e meios sociais: os seres humanos constroem-se como tais em interação com espaços e meios sociais – pretende-se entender quais os meios que tiveram influência e quais foram essas influências nas trajetórias de vida dos sujeitos investigados;

educação não-formal e percurso escolar: o percurso de formação é constituído pelas interações nas mais diversas educações formais e informais; é neste sentido que a pesquisa buscará apreender os vários processos de educação envolvendo sexualidade e gênero;

formação pessoal e profissional: os elementos de vida pessoal inter-relacionam-se com os de ordem profissional – entender esse processo possibilita perceber que *“a maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino”* (Nóvoa, 1995: 17);

representações de sexualidade e sentidos da docência: no decorrer das trajetórias de vida das professoras, as representações vão sendo construídas – as representações e saberes relacionados à sexualidade podem favorecer e impulsionar práticas pedagógicas mais dialógicas ou repressivas relacionadas à vivência das manifestações da sexualidade na escola: neste sentido, cabe entender como as professoras visualizam as suas práticas no exercício da docência, com base em seus saberes e representações, as percebem e lhes dão significado.

Contexto do estudo: a sexualidade na formação pessoal de homens e mulheres

Nas últimas décadas, a sexualidade passou a ser amplamente discutida por diversos setores sociais. Os movimentos sociais de contestação dos anos sessenta proporcionaram debates sobre as várias possibilidades de viver masculinidades e feminilidades. As identidades sexuais e de gênero passaram a ser alvo de questionamento pelos movimentos feministas, de gays e lésbicas, tentando desconstruir a idéia de que a sexualidade e o gênero são inerentes à natureza da humanidade, sem argumentar sobre suas influências sociais, culturais e históricas. Louro analisa a questão salientando que a “*sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente ‘natural’ nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza*” (1999: 11). A sexualidade humana desvincula-se da preponderância atribuída à função reprodutiva e biológica, para ser visualizada como “dispositivo histórico”. O conceito de sexualidade se amplia, atribuindo o ato sexual outros sentidos além de sua função procriativa, como salienta Chauí (1991), ao afirmar que o alargamento da visão de sexo fez com que este deixasse de ser encarado apenas como função natural de reprodução da espécie, como fonte de prazer e desprazer, para ser encarado como um fenômeno mais global, que envolve nossa existência como um todo, dando sentidos inesperados aos gestos, palavras, afetos, sonhos, humores, erros, atividades sociais, que, à primeira vista, nada têm de sexual.

A vivência da sexualidade está sujeita a dispositivo de influências socioculturais e históricas. A inscrição do gênero nos corpos – masculino ou feminino- é também processo que ocorre no contexto de determinada cultura. Segundo Scott (1995), o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos. A diferença biológica é socialmente ressignificada, de modo a se construírem modelos de relações sociais que implicam uma certa subordinação de um gênero a outro. Na perspectiva de Scott, discutir sobre gênero é essencialmente colocá-lo nas relações sociais. É na sociedade, nas relações entre as pessoas que o gênero é criado e estabelecido. É no ambiente social que os sujeitos se fazem homens e mulheres num processo continuado e dinâmico, não dado no nascimento e a partir daí marcado para sempre. Os seres humanos vão construindo ativamente suas identidades pessoais, de acordo com as inúmeras influências sociais, como as da educação relativamente à sexualidade e ao gênero, com as quais têm possibilidade de interagir. Este processo identitário não ocorre de maneira

determinista ou passiva, mas constitui-se de lutas, conflitos e negociações entre aspectos de ordem pessoal e social.

No meio social processam-se inúmeros tipos de educação que repassam valores, normas, conceitos e pré-conceitos que uma dada sociedade considera condizentes para a vivência de homens e mulheres. A criança, desde que nasce, interage com os inúmeros tipos de educação sexual e de gênero veiculadas pelas mais diversas instituições sociais, como a família e a escola. Esses meios são “generificados” e sexuados por excelência por expressarem esses preceitos em seus códigos, rituais, símbolos, ou nas trocas interpessoais de seus membros. A família, então, será uma das primeiras instituições que se incumbirá de expressar e desenvolver a educação sexual e de gênero. Suplicy (1995) assegura que esta educação ocorre de maneira quase sempre assistemática, como nas perguntas respondidas ou ignoradas, em atos de carinho ou de rejeição do pai ou da mãe entre si ou para com os filhos e filhas. A família pode, assim, educar através de gestos e atitudes que sexo é feio, sujo e proibido, ou que é algo natural, gostoso e prazeroso.

Chegando à instituição escolar, a criança passará a ter contato com os mais diversos tipos de educação relacionados ao gênero e à sexualidade dos/as educadores/as. Louro confirma esta constatação, ao afirmar que “*a escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer; ela separa e institui. Informa o ‘lugar’ dos pequenos e dos grandes, dos meninos e meninas*” (1997: 58). A escola exercerá, portanto, um importante papel de “perpetuação”, produção e construção das “pedagogias da sexualidade”. Vale ressaltar que o termo pedagogia da sexualidade, aqui empregado, fundamenta-se nos Estudos Culturais que ultrapassam os limites da escola e do currículo, analisando, de maneira mais ampla, as mais diversas formas de ensinar e aprender nas relações sociais e históricas. Para Giroux e McLaren, a pedagogia está presente em qualquer lugar em que o conhecimento seja produzido, em qualquer lugar em que exista a possibilidade de traduzir a experiência e construir verdades, mesmo que pareçam irremediavelmente redundantes, superficiais e próximas ao lugar-comum (in Silva, T. T. e Moreira, A. F. 1995). A sociedade, então, educa através de suas diversas instituições, praticando pedagogias da sexualidade, disciplinando corpos e imprimindo atitudes permitidas para homens e mulheres, desde a infância. Isto ocorre muitas vezes de maneira sutil, discreta, contínua, mas, quase sempre, de modo eficiente e duradouro, como assegura Louro (1999). A referida autora utiliza-se do termo “pedagogias da sexualidade” para designar especialmente o processo de escolarização do corpo e a produção da masculinidade e da feminilidade. Cita Corrigan (in Louro 1999, 17), que descreve o processo doloroso de escolarização do corpo e a produção da masculinidade, demonstrando, com isso, como a escola pratica a pedagogia da sexualidade ao disciplinar corpos e estabelecer normas e regras de viver de acordo com o gênero de cada indivíduo.

Procedimentos metodológicos: o caminho da pesquisa

O presente estudo terá como fonte as histórias de vida de nove professoras que atuam profissionalmente com crianças. Três delas são portuguesas e as

demais, brasileiras. A opção por esta representatividade deve-se ao objeto de estudo que, no caso específico, são os saberes e representações de sexualidade, mais precisamente a infantil, construídas durante o percurso de vida das entrevistadas. A abordagem biográfica, especialmente nesse caso, busca estabelecer um maior vínculo entre investigadora e entrevistadas devido à especificidade do tema; daí a delimitação do número de pessoas a serem entrevistadas. Outros trabalhos que adotaram esse mesmo referencial metodológico também optaram por trabalhar com um número reduzido de histórias. Sarmiento investigou cinco professoras de pré-escola; Araújo, cinco professoras primárias e Moita, quatro educadoras. Tais estudos partem do princípio que pesquisas dessa natureza requerem um maior envolvimento entre sujeitos e investigadores/as, solicitando um maior tempo para a elaboração do processo que se constrói naturalmente no decurso de entrevistas em profundidade, que se constituem em várias sessões e com períodos de tempo mais prolongados.

Metodologia de trabalho

Neste estudo, optou-se por recolher os relatos de vida completo, partindo de fatos que ocorrem desde a infância até os dias atuais ou vice-versa. A história de vida, portanto, constitui uma técnica em que o narrador narra a sua existência através do tempo, recorrendo aos fatos que marcaram fases da vida desde as mais remotas até as mais atuais.

Os materiais biográficos privilegiados no estudo são os de natureza primária. Ferrarotti (1988) os classifica em dois grupos: “materiais biográficos primários”, se recolhidos no quadro de uma interação primária (face a face), e “materiais biográficos secundários”, se obtidos fora deste contexto, compreendendo, por exemplo, correspondências, fotografias, narrativas e testemunhos escritos, documentos oficiais, processos verbais e recortes de jornais. As histórias de vida, nessa pesquisa, serão utilizadas como fontes primárias. Outras fontes, como, por exemplo, legislação, fontes bibliográficas, revistas, jornais e periódicos, dentre outros, serão privilegiadas a fim de compor os discursos oficiais sobre a sexualidade durante o período histórico investigado.

A entrevista semi-estruturada será adotada na coleta dos relatos biográficos. A fim de obter uma investigação um tanto quanto exaustiva do objeto de estudo, adotar-se-á a elaboração de três tipos de roteiros sugeridos por Alberti (1990): 1. roteiro geral – amplo e abrangente contendo todos os tópicos a serem considerados na tomada de cada depoimento; 2. roteiro individual – roteiro mais específico de acordo com as histórias pessoais; e 3. roteiros parciais – elaborados nos intervalos de sessão de cada entrevistas – têm como objetivo avaliar o processo.

Após cada entrevista far-se-á a transcrição de cada sessão que poderá ser lida no início do próximo encontro. Durante todo o processo das entrevistas será realizado um registro de anotações das experiências, idéias, gestos que ocorriam em cada encontro, num “diário de bordo”. Na última sessão, será solicitado a cada professora que escreva os pontos que considere marcantes em sua vida. Este material será fundamental para o momento da análise, como parte de uma sistematização das histórias de vida proposta pelas próprias autoras. Na ocasião da última entrevista, também será solicitado que a entre-

vistada faça uma avaliação do processo de reelaboração do passado proposto pela investigação, podendo, ainda, relatar algo que não tenha sido explicitado. Nesta ocasião será assinada uma autorização para a utilização dos dados das entrevistas para fins de pesquisa.

Abordagem biográfica: as histórias de vida na encruzilhada entre o processo pessoal e social

A utilização da perspectiva biográfica como método investigativo e/ou de formação é recente nas Ciências da Educação. Esta perspectiva, porém, surge no final do século XIX como contraponto às idéias positivistas da época, sendo aplicada pela primeira vez de forma sistemática nos anos vinte e trinta do século XX, pelos sociólogos americanos da Escola de Chicago (Nóvoa; Finger 1988). Estes debates foram se ampliando e questionando, por exemplo, os critérios positivistas da objetividade por critérios mais subjetivos, do individual/coletivo, da quantidade/qualidade, dentre outros aspectos que provocaram profundas alterações no campo científico.

O presente estudo se guiará pelos pressupostos da abordagem biográfica. Para isso, devem-se ponderar alguns aspectos de ordem metodológica e epistemológica:

Trata-se de uma abordagem do singular, que coloca o sujeito no centro da investigação; esta singularidade, no entanto, fornece dados do social. Ferrarotti analisa este aspecto afirmando que *“se nós somos, se todo o indivíduo é, a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irredutível de uma práxis individual”* (1988: 26-27). O indivíduo é a reapropriação singular, o “universal singular”, o que nos permite conhecer o social a partir da especificidade de uma vida individual;

Ao valorizar o sujeito, priorizar-se-á a “subjetividade explosiva” (Ferrarotti 1988). Um dos debates que a abordagem biográfica impõe é o entendimento do subjetivo no campo da Ciência. É inegável que um processo de rememoração, revisitação e reapropriação da trajetória de cada indivíduo fará emergir o caráter subjetivo nos discursos sobre si próprio. Neste sentido, Ferrarotti questiona em que medida a subjetividade inerente à autobiografia pode tornar-se conhecimento científico. Esta discussão permeia a dualidade entre objetividade e subjetividade no campo da ciência. *“A ilusão da objetividade nega a qualidade interaccional da narrativa biográfica”*, assegura esse autor (1988: 27). Portanto, a subjetividade será parte integrante de um processo de investigação que tenha como pressuposto a abordagem biográfica. Cabe ao pesquisador procurar entender os sentidos da subjetividade através da interação que ocorrerá no próprio processo da pesquisa e, principalmente, através de uma preocupação teórica definida;

A questão acima remete a outra discussão, que é a da neutralidade do/a pesquisador/a num processo de investigação. *“Toda a entrevista biográfica é uma interação social completa, um sistema de papéis, de expectativas, de injunções, de normas e de valores implícitos (...). O entrevistador nunca está ausente, mesmo o que se finge ausente. É sempre recíproco, mesmo se aparentemente se recusa a toda a reciprocidade”* (Ferrarotti 1988: 27). Um pro-

cesso de recolha das narrativas biográficas é, então, um momento de co-produção entre entrevistado/a e entrevistador/a;

A subjetividade presente na abordagem biográfica não privilegia tão somente a condição psicológica do sujeito-autor da pesquisa. O presente estudo privilegia a perspectiva sócio-histórica na análise das histórias de vida, por entender que cada uma delas poderá fornecer elementos de entendimento de uma realidade sócio-histórica e cultural relacionados à construção de saberes e representações que envolve a sexualidade humana. Nóvoa analisa a crítica feita à utilização das histórias de vida (especialmente em um processo de formação), com a inclinação de análise psicanalítica. Argumenta que *“na abordagem biográfica o adulto nunca é encarado como um indivíduo em permanente renegociação de conflitos da infância e da adolescência, que tem de descobrir no passado as razões do seu presente. Bem pelo contrário, o que nos interessa é que o indivíduo construa a sua memória de vida e compreenda as vias que o seu património vivencial lhe pode abrir: ao fazê-lo no presente ele está a formar-se (emancipar-se) e a projectar-se no futuro. A biografia elabora-se hoje, num tempo e num espaço concretos, sempre numa perspectiva retrospectiva (...) e com uma preocupação teórica claramente definida”* (Nóvoa 1988: 125/126). Ao expor aspectos da utilização das histórias de vida em um projeto de formação, o referido autor fornece elementos para o entendimento da análise da subjetividade para fins de investigação. Procurar o entendimento da subjetividade nos discursos dos/as entrevistados/as não significa, portanto, recorrer fundamentalmente à análise psicológica. A relação entre o pessoal e o social deve ser uma preocupação constante do/a pesquisador/a nessa perspectiva metodológica.

Considerações finais

A abordagem biográfica, em especial as histórias de vida, constitui um processo de investigação que não permite conclusões fechadas, mas explicita elementos de reflexão de uma dada realidade, no caso específico, entender como as representações e saberes de sexualidade foram construídas no decorrer do percurso de vida de cada professora. Seguem-se alguns aspectos relevantes a ser observados no processo e, especialmente, na finalização de uma pesquisa desta natureza.

A pesquisa constitui um processo de investigação e também de formação, não só para os sujeitos, como também para o/a investigador/a. *“As abordagens biográficas e das Histórias de Vida podem, assim, ser simultaneamente consideradas como abordagem de investigação – produzindo conhecimento – e abordagem de formação – contribuindo para uma maior tomada de consciência dos sujeitos, quer seja investigador quer narrador. São afinal abordagens de investigação-formação que permitem, ao formar-se, investigar a sua prática e, ao investigar, formar-se com o próprio objecto de investigação”* (Couceiro 1997: 269).

As histórias de vida não permitem comparação – mas apresentam um conjunto de reflexões que evidenciam pontos de semelhanças e divergências, como enfoca Sarmiento (1999). *“As vidas não são comparáveis – cada história de vida vale por si – no entanto, nos percursos passam por experiências*

similares com possíveis regularidades”. É neste sentido que se desenvolverá a análise do presente estudo, não partindo de comparação entre pessoas e realidades geográficas e sócio-históricas tão diversas, mas estabelecendo alguns elementos de reflexão entre os processos de formação pessoal e profissional de mulheres-professoras que atuam com crianças. O que será possível, então, é estabelecer, conforme sugere Catani (2000), “*distâncias e vizinhanças*” entre alguns elementos expressos nas histórias de vida.

A utilização das histórias de vida permite captar a voz das educadoras no processo de formação pessoal e profissional. Todo o processo de utilização desta técnica requer um olhar atento de entender o social e o coletivo a partir de cada história singular.

A adoção da abordagem biográfica é capaz de captar a quotidianidade, os momentos de ruptura, de avanços, de conflitos que permeiam a história e as histórias de uma vida. “*O método biográfico equivale, neste sentido, a uma tentativa feita para captar o não explicado, o não retido, para se situar nessa encruzilhada da pessoa e da sociedade que é a própria vida. A sociedade engendra as ideologias, os valores e as técnicas, mas são os homens que as fazem, transportam e vivem e isto ao longo do desenrolar diário de cada existência. (...) Só a biografia pode captar a quotidianidade da existência, que é o suporte do acontecimento*” (Pourier et al. 1999, 151).

Através da abordagem biográfica, os sujeitos da pesquisa tornam-se atores desse processo à medida que se apropriam de maneira retrospectiva de seu percurso de vida. “*A abordagem biográfica reforça o princípio segundo o qual é sempre a própria pessoa que se forma e forma-se na medida em que elabora uma compreensão sobre o seu percurso de vida: a implicação do sujeito no seu próprio processo de formação torna-se assim inevitável. Deste modo, a abordagem biográfica deve ser entendida como uma tentativa de encontrar uma estratégia que permita ao indivíduo-sujeito tornar-se actor do seu processo de formação, através da apropriação retrospectiva do seu percurso de vida*” (Nóvoa 1988: 117).

As professoras, sujeitos/autoras da pesquisa, contribuirão para um estudo da relação entre a docência e a sexualidade, partindo de suas próprias histórias, visto que todo cotidiano escolar se encontra entrelaçado com representações construídas durante a trajetória de vida e de formação destas educadoras, algo nem sempre visualizado e refletido. O particular e o coletivo, o passado e o presente serão articulados nesta pesquisa. Neste processo, a investigação pode propiciar, como uma de suas contribuições, elementos de reflexões para a desconstrução de algumas “verdades” construídas a respeito da sexualidade na escola. Tais representações precisam ser conhecidas e apropriadas pelos sujeitos sociais a partir de sua própria história, estimulados por fatos presentes que ocorrem (ou podem ocorrer) em situações cotidianas de sala de aula. Reflexões retiradas dos dados obtidos em pesquisa podem, conseqüentemente, servir como instrumento auxiliar nos currículos dos cursos de formação de docentes, bem como no planejamento de ações de política sobre educação sexual e sexualidade no contexto educacional.

Bibliografia

Alberti, V. (1990), *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

Catani, D. B. (2000), Distâncias, Vizinhanças, Relações: comentários sobre os estudos sócio-históricos-comparados em educação. In Nóvoa, António e Schriewer, Jürgen (eds.), *A Difusão Mundial da Escola*. Lisboa: Educa.

Chauí, M. (1991), *Repressão sexual*. Essa nossa (des)conhecida. 12. ed. São Paulo: Brasiliense.

Couceiro, M. L. (1997), Especificidades das abordagens biográficas em ciências da educação. Anais AFIRSE. Lisboa, PT.

Ferrarotti (1988), Sobre a autonomia do método biográfico. In Nóvoa, António, Foucault, M. *História da sexualidade I*. 12. (ed.), Rio de Janeiro: Graal.

Louro, G. L. (1999), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.

Louro, G. L. (1997), *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Rio de Janeiro: Vozes.

Nóvoa, A. (1995), *Vidas de professores*, 2 ed. Porto: Porto Editora.

Nóvoa, A., Finger, M. (1988), *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde.

Poirier, J. et al. (1999), *Histórias de vida: teoria e prática*. 2 ed. Oeiras: Celta.

Sarmiento, M. T. (1999), Percursos identitários de educadoras de infância em contextos diferenciados: cinco histórias de vida. Braga: Tese de doutorado.

Scott, J. (1995), Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In *Educação e Realidade*, v. 20, n.º 2, Julho/Dezembro.

Silva, T. T. e Moreira, A. F. (org.) (1995), *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes.

Suplicy, M. (1995), *Sexo se aprende na escola*. São Paulo: Olho D'água.

Xavier Filha, C. (2000), *Educação sexual na escola: o dito e o não-dito na relação cotidiana*. Campo Grande, MS: Ed. da UFMS.